

ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA ZONA RURAL DE MARECHAL FLORIANO, ES*

Edenize Ponzó Peres**

Resumo: Este trabalho tem por objetivo descrever a presença da língua e da cultura dos imigrantes italianos de Vêneto na comunidade de Araguaia, zona rural do município de Marechal Floriano, Estado do Espírito Santo. Com base nos pressupostos da Sociolinguística, foi criado um banco de dados de fala que consiste em entrevistas com 17 informantes, classificados de acordo com sua faixa etária (08-14, 15-30, 31-50 e acima de 50 anos), gênero/sexo (masculino e feminino) e nível de escolaridade (0-04, 05-08 e mais de 08 anos de escolaridade). As perguntas tratavam sobre os hábitos e costumes dos habitantes, o seu conhecimento da história dos imigrantes e sua visão a respeito da família e do povo italiano. Com as respostas a essas perguntas, pretendemos estabelecer a relação entre os sentimentos de identidade para com os antepassados e a manutenção da cultura herdada, especificamente a linguagem. Os resultados indicam que a cultura italiana ainda está presente na comunidade, quando se trata de comida, dança, música e alguns jogos e entretenimento. Com respeito ao dialeto vênето, este praticamente desapareceu, pois ele somente é falado pelos idosos, embora os informantes demonstrem não apenas sentimentos positivos em relação a seus antepassados, mas também o desejo de haver aprendido essa língua. Assim, vê-se que, se a identidade do falante para com os seus antepassados é importante para a manutenção de uma língua minoritária, no caso dos descendentes de imigrantes italianos de Araguaia, o fator identidade não conseguiu superar a pressão da cultura majoritária, culminando no desaparecimento do vênето.

Palavras-chave: Contato linguístico; Idioma veneziano e Cultura Linguística Manutenção/Substituição.

Abstract: This paper aims to partially portray the presence of the language and culture of the Veneto Italian immigrants in the rural community of Araguaia, Marechal Floriano County, Espírito Santo State. Based on the assumptions of Sociolinguistics, it was created a speech database that consists of interviews with 17 informants, ranked according to age group (08-14, 15-30, 31-50 and above 50 years), gender (male and female) and educational level (0-04, 05-08 and more than 08 years of schooling). The inquiries consisted on the habits and customs of the inhabitants, their knowledge of the immigrant history, their vision regarding the family and the Italian people. It aims, with the responses to these inquiries, to establish the relationship between identity feelings towards the ancestors and the maintenance of the inherited culture, specifically the language. The results indicate that the Italian culture is still present in the community, when it comes to ethnic food, dance, music and some games and entertainment. Regarding the Venetian, it virtually disappeared because only elders speak it, although the informants demonstrated not only positive feelings towards their forefathers but also the wish they had learned the language. Thus, it is seen that if the speaker's identity towards their ancestors is important for the maintenance of a minority language, in the case of the Italian immigrants descendants from Araguaia, the identity factor has not overcome the majority culture pressure against the bilingualism, culminating in the disappearance of the Venetian.

Keywords: Linguistic Contact; Venetian Language and Culture in Araguaia; Linguistic Maintenance/Substitution.

* Este trabalho é uma parte atualizada do artigo *Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: o dialeto vênето em Marechal Floriano*, publicado em *Dimensões* – Revista de História da Ufes, v. 26, p. 44-59, 2011.

** Doutorado em Linguística – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. E-mail: eponzoperes@gmail.com.

Introdução

O estado do Espírito Santo possui um grande número de municípios colonizados por imigrantes, sobretudo italianos, alemães e pomeranos, cujos habitantes mantêm, até hoje, em maior ou menor grau, as tradições e costumes de seus antepassados.

A imigração no estado constitui um rico material de pesquisas para diversas áreas e foi tema de muitos estudos, com respeito a seus aspectos históricos, geográficos, sociológicos e arquitetônicos. Entretanto, no campo da Linguística, apesar da necessidade de pesquisas que retratem a língua falada nessas comunidades, que analisem o contato entre o português e a(s) língua(s) estrangeira(s) e que se voltem para o problema educacional que surge desse contato, pouco foi feito até agora.

No que respeita ao contato português/alemão/pomerano, alguns trabalhos investigaram as influências fonéticas da língua materna no português de adultos de Domingos Martins, Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá (RODRIGUES, 2009) e de crianças dos municípios de Santa Maria de Jetibá (BENINCÁ, 2008; HAESE, 2006; 2007) e de Santa Leopoldina (BARTH, 2007). Com referência ao contato entre o português/italiano, orientamos trabalhos de conclusão de curso que tratavam da variação da pronúncia do fonema /r/ em duas localidades de Alfredo Chaves – São Bento de Urânia e Carolina (GRILLO *et. al.*, 2006) – e em Vargem Alta (PIZETTA; DALTIÓ, 2006).

Enquanto o segundo trabalho indicou estabilidade em Vargem Alta, com referência ao fonema em questão, o primeiro encontrou uma leve tendência à mudança na localidade de São Bento de Urânia e uma acelerada mudança em curso com respeito à localidade de Carolina. Esses resultados acenam para a necessidade de se descrever o contato entre a língua portuguesa e os dialetos falados pelos imigrantes italianos, e os fatores intra e extralinguísticos que estão relacionados a ele.

Por essas razões, em 2010, elaboramos um projeto amplo, que visava à formação de banco de dados de fala em algumas localidades do Espírito Santo que concentram descendentes de italianos. Em alguns deles, os bancos de dados já foram completados: as zonas urbana e rural de Castelo e de Marechal Floriano, a zona urbana de Jaguaré e Santa Teresa, e a zona rural de Cachoeiro de Itapemirim – Burarama – e de Itarana. Em Alfredo Chaves, ainda estão sendo formados os bancos de dados, ao passo que, em Vargem Alta e em Venda Nova do Imigrante, *os corpora* ainda estão sendo constituídos.

Com os dados coletados, pretendemos responder aos seguintes objetivos, entre outros: a) analisar a influência, nos níveis fonético-fonológico, lexical, morfossintático e semântico, da língua estrangeira no português falado pelos descendentes de imigrantes; b) verificar se está havendo mudança aparente com respeito aos traços linguísticos dos dialetos italianos presentes no português falado pelos informantes; c) identificar os aspectos extralinguísticos - pessoais e sociais - que influenciam a linguagem usada por esses moradores; d) revelar a imagem e o julgamento que os descendentes de imigrantes fazem sobre sua linguagem e sua cultura; e e) avaliar o grau de vitalidade dos dialetos italianos trazidos pelos imigrantes, nos dias de hoje.

Neste trabalho, apresentaremos alguns dados referentes à zona rural de Marechal Floriano – o distrito de Araguaia –, uma das primeiras localidades colonizadas pelos recém-chegados imigrantes italianos, procedentes do Vêneto. Buscamos, assim, descrever a situação

da língua e da cultura de imigração presentes nessa comunidade, a fim de atestar se os mais jovens estão conservando ou perdendo suas tradições e costumes.

O referencial teórico: a sociolinguística

Os estudos linguísticos no Brasil foram fortemente influenciados por uma visão dicotômica da língua, estabelecendo-se a diferença entre o sistema linguístico e a fala, que é o uso que uma comunidade faz da língua, ou seja, sua realização concreta. O suíço Ferdinand de Saussure (1916) foi o mentor dessa concepção. Quatro décadas mais tarde, o americano Noam Chomsky (1957) concebeu outro dualismo que também marcou fortemente a Linguística brasileira: a competência *versus* o desempenho de um indivíduo. Nas duas correntes teóricas, a língua é esvaziada de seu conteúdo social. Não interessam a esses linguistas as questões acerca do uso, da variação e da influência social sobre um sistema linguístico. Pelo contrário, a língua é analisada como um todo homogêneo, falada por uma comunidade linguística uniforme.

Coube ao americano William Labov (1963), a projeção de um método para quantificar e analisar a variação existente em todas as línguas naturais. Anos mais tarde, as ideias de Labov embasaram a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista.

Assim, concordando com Labov sobre o fato de que a língua não pode ser vista sem os fatores sociais que a conformam, tomamos como base teórica para a coleta e a análise dos dados a Sociolinguística Variacionista. Dessa forma, para a Sociolinguística, ao lado dos fatores intralinguísticos, os fatores extralinguísticos ou sociais – gênero, idade, classe social, procedência geográfica, profissão, escolaridade etc. – influenciam a linguagem em determinada comunidade; por isso, ambos os tipos de fatores entram em cena, quando da análise dos fenômenos linguísticos.

Outro pressuposto da Sociolinguística, conseqüente do anterior, é a inerente variação linguística, independentemente da comunidade analisada. Essa variação pode ser estável – quando não houver sinais de mudança de um determinado fenômeno linguístico – ou pode estar havendo uma mudança em progresso com relação a esse fenômeno. Em outras palavras, as gerações mais novas estão preferindo uma nova variante, isto é, um novo traço ou forma linguística, e deixando de usar a variante padrão na comunidade.

Uma forma de aferir se a variação é estável ou se está havendo mudança em curso é captar o vernáculo dos falantes de uma comunidade, ou seja, sua fala natural, não monitorada. Para isso, o pesquisador irá realizar entrevistas gravadas com moradores da localidade estudada – divididos conforme os fatores extralinguísticos expostos acima – tentando evitar o que Labov (1972; 1994; 2001) chamou de *O Paradoxo do Observador*, que é a inibição do informante diante de uma situação de entrevista e a conseqüente formalização de sua fala.

De acordo com Labov (1972), o entrevistador deverá fazer perguntas em que o entrevistado relate fatos sucedidos consigo mesmo ou com pessoas próximas, de modo que sua atenção se desvie do controle da linguagem. Perguntas sobre fatos emocionantes que presenciou ou de perigo real de vida, dentre outras, são algumas estratégias para que o entrevistado deixe fluir seu vernáculo. Essa foi uma preocupação que norteou as entrevistas realizadas para compor nossos *corpora*.

A coleta de dados

No caso do presente trabalho, levando-se em conta que o conhecimento da região pesquisada e a familiaridade com a população facilitam a coleta de dados no que respeita à seleção dos informantes e à execução das entrevistas, e também para se evitar *O Paradoxo do Observador*, já mencionado, os entrevistadores foram dois estudantes de Letras da UFES que residem em Marechal Floriano, mas que, à época, trabalhavam em Araguaia, os quais foram treinados para proceder às entrevistas.

Os informantes são nascidos e residentes no Distrito de Araguaia, zona rural do município de Marechal Floriano. As pessoas foram contatadas e entrevistadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, sendo, então, divididas de acordo com sua faixa etária (de 14 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos), gênero (masculino e feminino) e escolaridade (de 0 a 4 anos de escolarização; de 5 a 8 anos; mais de 8 anos). Entretanto, em Araguaia, o número de sujeitos foi menor que o esperado, haja vista não ter sido possível encontrar todos os informantes pretendidos com escolaridade acima de 08 anos. No total, foram entrevistadas dezessete pessoas.

Os entrevistados tiveram conhecimento de que sua fala seria gravada, mas que sua identidade seria preservada, fato com o qual concordaram, por meio de consentimento verbal, no início das entrevistas. As perguntas feitas aos informantes versaram, em geral, sobre a história e a cultura local, bem como as de seus antepassados. Os temas abordados nas entrevistas e que serão tratados neste estudo foram: 1) A presença da língua e da cultura vêneta na família e em Araguaia, atualmente. 2) Se os informantes conhecem histórias de seus antepassados na Itália e/ou do começo da colonização. 3) A imagem que os descendentes fazem de seus ancestrais e do povo italiano em geral. 4) Se o informante tem orgulho de ser descendente de italianos. Outros aspectos sociais foram observados, por meio das entrevistas, mas esses temas não serão tratados neste trabalho.

A localidade pesquisada

O município de Marechal Floriano constitui-se de sua sede, isto é, a zona urbana, e mais três distritos: Araguaia, Santa Maria de Marechal e Vítor Hugo. Neste trabalho, apresentaremos os dados de Araguaia, por sua colonização predominantemente italiana, especificamente do Vêneto. Entretanto, cremos ser importante localizar o distrito dentro do município que o acolhe; daí os dados da zona urbana, que se encontram a seguir.

O município de Marechal Floriano

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Marechal Floriano, o município localiza-se na região serrana do Espírito Santo, num vale cercado pela Mata Atlântica, no km 45 da BR-262, que liga Vitória a Belo Horizonte.

O município foi colonizado predominantemente por alemães e italianos, o que influenciou sua cultura: a culinária, a religião, a dança, a música e a arquitetura do local. De acordo com o informante TB, a prefeitura incentiva as tradições dos imigrantes, oferecendo um desconto no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) aos moradores que preservarem

a arquitetura original de suas casas. Para dar o exemplo, os prédios públicos da sede do município têm arquitetura germânica.

O distrito de Araguaia

Araguaia é, dos três Distritos do município de Marechal Floriano, aquele que mais concentra descendentes de imigrantes italianos. Segundo moradores do local, cerca de mil pessoas vivem em Araguaia e, conforme o informante TB, a comunidade é formada por cerca de 85% de moradores de origem vêneta. De acordo com o relato da informante DG, quando as primeiras famílias chegaram à localidade, em 1885, já residiam ali portugueses, franceses, poloneses e afrodescendentes.

Ainda segundo DG, os primeiros italianos chegaram a Araguaia por dois caminhos: ou navegaram pelo rio Benevente, passando pelo município de Anchieta, e atravessaram o município de Alfredo Chaves até alcançarem Araguaia; ou chegaram ao porto de Vitória e se encaminharam para Araguaia subindo a serra. Lá, foram ocupando os lotes demarcados pelo governo da província para os imigrantes.

Atualmente, segundo TB, os araguienses trabalham em uma fábrica de ferramentas da localidade e se ocupam da apicultura e da agricultura, plantando café, hortaliças e frutas. No distrito, estão localizados dois museus com acervos doados pela comunidade, que traçam a história da imigração italiana para o lugar: a Casa Rosa e o Museu Ezequiel Ronchi.

O dialeto vêneta em Araguaia

Existe uma discussão na literatura da área quanto ao *status* do vêneta: se é um dialeto do italiano ou se é outra língua. Não analisaremos aqui esta questão, nem o que distingue a língua de um dialeto. Simplesmente denominaremos *dialeto vêneta* ao que alguns chamam *língua vêneta*.

Durante as entrevistas, foi perguntado aos informantes se eles falavam o vêneta. As respostas foram *Sim*, *Não* e *Um pouco*. A expressão *um pouco* significa ‘algumas expressões’, apenas, ou seja, aquelas mais repetidas, especialmente palavrões e blasfêmias. Segundo ZBC, todo habitante de Araguaia conhece essas expressões – muito faladas pelos ancestrais – no dialeto vêneta. Um fato digno de menção é que, independentemente da grande religiosidade das famílias de imigrantes, uma parte desses termos refere-se a Deus ou a algum elemento da Igreja Católica. Os resultados estão expressos na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Conhecimento do vêneta pelos informantes, de acordo com a faixa etária

FAIXA ETÁRIA (em anos)	SIM		NÃO		UM POUCO	
	Total	%	Total	%	Total	%
+ 50	05	100	-	-	-	-
30-49	01	33,3	-	-	02	66,6
19-29	02	50%	-	-	02	50
14-18	-	-	03	60	02	40

Pelos resultados acima, percebemos que o vêneto está desaparecendo, em Araguaia. Todos os informantes relataram que os avós, tios e alguns pais ainda conversam no dialeto estrangeiro, principalmente quando se encontram em festas, na missa e até em casa. Também foi informado que o dialeto é falado quando os interlocutores não querem que outras pessoas os entendam (informante MGPB). Entretanto, a língua não foi ensinada às gerações mais novas. Segundo a informante DG, “os pequenos aprendiam o vêneto de ouvido”, que é a situação natural de aquisição da linguagem numa comunidade de fala, mas, quando cresceram, não a passaram para os filhos.

Calvet (2002), baseando-se em estudos sociolinguísticos, afirma que a quarta geração de imigrantes já não fala nem entende a língua materna de seus ancestrais. Entretanto, essa tendência pode ser alterada, dependendo de diversos fatores, como a importância da língua e da cultura materna, a identificação do povo com a sua cultura, o fluxo contínuo da imigração etc. Colônias de imigrantes que preservam sua língua são conhecidas dos sociolinguistas, como atesta, por exemplo, Chambers (2009).

Saber o porquê do declínio do vêneto em Araguaia é, ao mesmo tempo, necessário e interessante, principalmente quando encontramos o pomerano sendo falado no Espírito Santo, em uma situação de bilinguismo até certo ponto estável. Algumas causas para o desaparecimento de uma língua minoritária são: o contato constante com falantes da língua majoritária, normalmente a oficial, de maior prestígio; a escolarização; a mídia; e o preconceito linguístico, acompanhado de perto pelo preconceito social (APPEL; MUYSKEN, 1996; CALVET, 2002).

Pelo fato de Araguaia ser uma comunidade formada basicamente por imigrantes, poderíamos esperar um número maior de falantes do vêneto mais jovens, mas não é isso que está ocorrendo.

Outra pergunta foi feita apenas aos entrevistados que disseram que não falavam ou que falavam um pouco o vêneto: *Você gostaria de aprender o vêneto?* Os resultados aparecem na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Desejo de os informantes aprenderem o vêneto

FAIXA ETÁRIA (em anos)	SIM		NÃO		NÃO SABE	
	Total	%	Total	%	Total	%
+ 50	-	-	-	-	-	-
30-49	02	100	-	-	-	-
19-29	03	75	-	-	01	25
14-18	02	40	01	20	02	40

Pela Tabela 2, acima, observamos que, nas faixas etárias de 19-29 e de 30-49 anos, os informantes que ainda não dominam o vêneto desejam aprendê-lo. Além disso, revelaram que gostariam que o italiano – a língua oficial – fosse ensinado nas escolas. Por outro lado, apenas dois adolescentes – BET e MCBB, que disseram que sentiam orgulho de ser descendentes de italianos – gostariam de aprender a língua de seus ancestrais. Essas respostas revelam a distância que os mais jovens estão tomando de suas origens, pois as respostas foram diferentes nas outras faixas etárias.

Entretanto, há 60 anos, a situação era inversa. De acordo com EPJ, na comunidade o vêneto era falado livremente por todos os descendentes de imigrantes. Após 1938, a repressão governamental contra as línguas estrangeiras fez com que a comunicação em vêneto se reduzisse, mas não impediu seu uso. Por outro lado, o ensino ministrado por professores brasileiros e a proximidade de Araguaia com a BR 262 fizeram com que houvesse um contato mais estreito dos moradores com pessoas de diferentes regiões e etnias. Em razão disso, o vêneto foi perdendo sua força.

A presença das tradições vênetas em Araguaia

Nesta seção, apresentaremos e analisaremos as respostas dos informantes com respeito às tradições que legaram os imigrantes italianos. Aos entrevistados foi perguntado se havia tradições que os ancestrais trouxeram da Itália (especificamente, do Vêneto) que as famílias de Araguaia ainda conservavam. Os aspectos mais citados foram:

A religião

De acordo com o informante TB, 90% da população de Araguaia professa a fé católica, como seus antepassados. Principalmente os informantes da faixa etária de mais de 50 anos relataram que são católicos praticantes. As festas religiosas – de Antônio Santo – como os moradores denominam a Festa de Santo Antônio –, de Reis e de São Miguel, padroeiro da comunidade – são ocasiões em que a comunidade recebe visitantes e em que as pessoas revivem antigas tradições, como os hinos cantados em latim e em vêneto, nas festas religiosas; a culinária e as danças italianas.

A culinária

Todos os dezessete informantes revelaram que é marcante a presença da culinária italiana em suas famílias. As massas caseiras ainda são feitas em algumas casas, pelas entrevistadas mais idosas, como ZP e LPG, mas a tradição está sendo perdida. Nenhum dos informantes abaixo de 50 anos perpetuou esse costume das primeiras gerações, ou seja, compram as massas industrializadas.

Os pratos mais presentes nas famílias dos entrevistados são, em ordem decrescente de citação: a) polenta (14 citações); b) macarrão (08); c) linguiça (06); d) queijo (04); e) carne de porco e feijão: (02 citações, cada); e) vinho e minestra: (01 citação cada).

Ainda com respeito às comidas típicas, o informante ACM declara que, dadas todas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes e as primeiras gerações – a lavoura nem sempre farta, as grandes distâncias, a escassez de dinheiro para comprar alimentos fora do lugar e a falta de energia elétrica e de conforto nas casas –, a comida não era abundante. Além disso, precisava ser de fácil preparo e conservação, e tinha de ser o mais nutritiva possível, a fim de suprir as necessidades de pessoas que trabalhavam arduamente durante todo o dia. Dessa forma, a polenta, em suas diferentes formas de ser preparada, foi uma excelente opção para os imigrantes, sendo muito apreciada até hoje, por seus descendentes.

Com relação ao vinho, relata TB, os imigrantes tinham parreirais, de onde podiam produzir a bebida. Entretanto, atualmente, ele vem de outras regiões, pois em Araguaia não se conseguiu produzir vinhos de boa qualidade.

Jogos e brincadeiras

Quando foi perguntado aos informantes sobre os jogos preferidos da comunidade, foram citados principalmente: a bocha (03 informantes), o futebol (02 informantes) e o baralho (01 informante).

Com respeito à mora, apesar de o informante TB declarar que não existe esse jogo na região, o informante EPJ afirma que brincava de mora com os colegas de escola, falando os números em vêneto. Entretanto, percebe-se que a população não manteve as tradições dos jogos italianos. A geração mais jovem sequer os mencionou.

Entre os informantes do gênero feminino, as tradicionais brincadeiras de roda e de pique, além da boneca, foram as mais citadas, principalmente pelas mais idosas. Quanto às mais jovens, a boneca foi a mais referida.

Nesse ponto, vale ressaltar que, à época da colonização, as crianças brincavam e estudavam por pouco tempo – até o 4º ano do Ensino Fundamental, atual 5º ano. Como informaram ACM, TB e AU, assim que conseguiam, as crianças iam ajudar os mais velhos nas lavouras, ou ficavam em casa e preparavam a comida e cuidavam dos irmãos menores, no caso das meninas.

A música e a dança

Araguaia possui um grupo de dança, chamado *Granelli dei Monti*, que se apresenta nas festas do distrito e também em outras localidades, vestidos com trajes típicos italianos. Foi fundado em março de 2005, por dezessete jovens – nove mulheres e oito homens – que se reuniram com o intuito de preservar as tradições recebidas de seus ancestrais. Atualmente, o Granelli dei Monti, mesmo contando com um número menor de participantes, está organizado em dois grupos: um juvenil e outro infantil, o qual, segundo EPJ, contribui para despertar nas crianças do lugar o orgulho de serem descendentes de italianos.

Dos dezessete entrevistados, cinco – RR, EPJ, OBP, BET e MCBB – participam ou já participaram do Grupo de Dança, do qual falam com saudades, alguns, e entusiasmo, todos. Com respeito ao coral *Più Bello*, depois de alguns anos sem atividades, foi reativado em março de 2011. Os antigos participantes que foram entrevistados ainda guardam na memória – e cantam – as músicas trazidas do Vêneto pelos imigrantes, há mais de um século.

A nosso ver, tanto o Grupo de Dança quanto o Coral são fatores importantes para a manutenção da cultura do Vêneto na comunidade. Todos os informantes que participaram/participam dos grupos afirmam sentir um grande orgulho de suas origens italianas. Os entrevistados entre 20 a 26 anos fazem ou já fizeram parte de pelo menos um Grupo, e todos revelam um grande entusiasmo pela cultura italiana.

Já entre os cinco entrevistados mais jovens – de 14 a 16 anos –, os dois únicos que afirmaram sentir orgulho de suas raízes são BET, bisneta de italianos, e MCBB, tataraneto, os quais participam do *Granelli dei Monti*. Dessa forma, percebemos que envolver os jovens em

atividades como a dança e a música rende frutos, quando se pretende manter viva a cultura imigrante.

A imagem dos antepassados

Duas outras perguntas feitas aos entrevistados versaram sobre como eles descrevem seus antepassados e o povo italiano, de um modo geral. As características mais citadas pelos informantes foram:

- a) com 03 citações cada: briguento; grita demais; explosivo; bravo; alegre;
- b) com 02 citações cada: racista; teimoso; grosseiro (quando se irrita); sistemático; amoroso;
- c) com 01 citação cada: avarento; xinga muito; fechado (pouco receptivo); pouco carinhoso; nervoso; receptivo; sem preconceitos; extrovertido; espontâneo; festeiro.

Pelas características citadas, percebemos que os descendentes não veem o italiano de forma positiva, o que pode ser explicado pelas condições de vida adversas que os imigrantes e seus familiares tiveram. De acordo com vários entrevistados (ACM, TB, EPJ, AU, LPG, MGPB) as famílias – homens, mulheres e crianças maiores – acordavam antes do nascer do sol e iam para o trabalho na lavoura. Ao entardecer, voltavam para casa, lavavam os pés e jantavam. E era nesse momento, quando se sentavam para comer, que começavam a brigar uns com os outros. *“Depois iam dormir e, no dia seguinte, estava tudo bem de novo”* (EPJ)

Dessa forma, a sobrevivência difícil e o trabalho extenuante endureciam aquelas pessoas, facilitavam as brigas e dificultavam o diálogo em família. Segundo relatos de AU, MGPB, LPG e ACM, seus pais os repreendiam apenas com o olhar. Era o suficiente para os pequenos saberem que estavam fazendo algo indevido.

Em suma, as difíceis condições de trabalho e de vida daqueles homens e daquelas mulheres moldaram seu caráter, podendo tê-los tornado um tanto rudes, sim, mas, sem dúvida, fortes.

Conclusões

Este trabalho apresentou alguns aspectos da colonização de Araguaia pelos imigrantes da região italiana do Vêneto. Aqui, tratamos de como a cultura italiana está presente na comunidade, bem como o olhar dos descendentes sobre seus ancestrais e suas raízes.

Vemos que as tradições estão sendo esquecidas, ao lado da língua ancestral. Os entrevistados de 14-16 anos não compreendem o dialeto e informaram não saber nada de seus bisavós, nem conhecem a história de seus antepassados.

Por sua vez, sabe-se que é necessário que a comunidade se una para manter seus traços culturais e que os órgãos governamentais incentivem essa manutenção. Organizar e divulgar grupos folclóricos e festas para sua apresentação, e instituir o ensino da história/cultura/língua maternas nas escolas da comunidade ajudam a manter vivas tradições que não devem ser perdidas.

Mais do que conhecer as características que identificam os descendentes e conformam uma comunidade de imigrantes, fazer esse resgate é render uma justa homenagem a pessoas

que sofreram todo tipo de privações, mas que conseguiram, com seu esforço, construir uma vida melhor para seus descendentes.

Referências

- APPEL, R; MUYSKEN, P. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996 [1987].
- BARTH, S. **Aprender o português: a árdua tarefa das crianças descendentes de alemães**. Vitória: Saberes – TCC, 2007
- BENINCÁ, L. **Dificuldades no domínio dos fonemas do português por crianças descendentes de pomeranos**. Vitória: UFES. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, 2008
- CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002 [1993].
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- GRILLO, A; NICOLINI, E; GRILO, L. **O português e o italiano no sul do Espírito Santo: um estudo variacionista**. Cachoeiro de Itapemirim, ES: Centro Universitário São Camilo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2006.
- HAESE, A. **Realizações dos ditongos do português por crianças descendentes de pomeranos**. Vitória: UFES, PIBIC, 2006.
- _____, A. **As variantes fonético-fonológicas relacionadas à estrutura silábica do português falado por crianças descendentes de pomeranos**. Vitória: UFES, PIBIC, 2007.
- LABOV, W. The social motivation of a sound change. **Word**, n. 19, p. 273-309, 1963.
- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: Blackwell, 2001.
- PIZETTA, R. P.; DALCIO, A. **Variação linguística no município de Vargem Alta**. Cachoeiro de Itapemirim, ES: Centro Universitário São Camilo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2006.
- RODRIGUES, C.V. Bilinguismo no Espírito Santo: reflexos no português de adultos e crianças. **Signum – Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 339-36, jul. 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997 [1916].

Recebido em: 08/05/2014

Aprovado em: 26/06/2014